

ENTREVISTA

Editores

Breno Martins Campos, Ceci Maria
Costa Baptista Mariani

Conflito de interesses

Não há conflito de interesses.

Recebido

16 set. 2025

Aprovado

8 abr. 2026

"As estações de uma vida": entrevista com Etienne Higuét

"The seasons of a life": interview with Etienne Higuét

Paulo Augusto de Souza **Nogueira**¹ , Vitor Chaves de **Souza**² 

¹ Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas), Escola de Ciências Humanas, Jurídicas e Sociais, Pós-Graduação em Ciências da Religião. Campinas, SP, Brasil.

² Universidade Federal da Paraíba, Centro de Educação, Departamento de Ciências das Religiões. João Pessoa, PB, Brasil. Correspondência para: V. C. SOUZA. E-mail: <vitor.chaves@ce.ufpb.br>.

Como citar este artigo: Nogueira P.A. S.; Souza, V. C. "As estações de uma vida": entrevista com Etienne Higuét. *Reflexão*, v. 51, e2617290, 2026. <https://doi.org/10.24220/2447-6803v51a2026e2617290>.

Resumo

A entrevista com o professor Etienne Higuét, realizada via e-mail em Agosto de 2025, revisita sua trajetória acadêmica e intelectual desde a formação inicial na Bélgica até sua inserção no Brasil, onde atuou por mais de três décadas na Universidade Metodista de São Paulo (UMESP). Higuét destaca as influências de Paul Tillich, Karl Rahner, Hans Küng, Paul Ricoeur e outros, refletindo sobre teologia, filosofia, cultura visual e ciências da religião. O diálogo percorre sua contribuição à criação e consolidação do campo das Ciências da Religião no Brasil, seus principais eixos de pesquisa – escatologia, teologia política, mística, cultura visual e epistemologia – e os desafios contemporâneos da área. A entrevista oferece um panorama singular do pensamento de um dos protagonistas da primeira geração de cientistas da religião no país.

Palavras-chave: Ciências da Religião. Cultura visual. Docência. Etienne Higuét. Paul Tillich. Teologia.

Abstract

This interview with Professor Etienne Higuét, conducted via email in August 2025, revisits his academic and intellectual journey, from his early education in Belgium to his decades-long career in Brazil, where he served at the Methodist University of São Paulo (UMESP). Higuét highlights the influence of Paul Tillich, Karl Rahner, Hans Küng, Paul Ricoeur, among others, reflecting on theology, philosophy, visual culture, and the study of religion. The dialogue addresses his role in the establishment of Religious Studies in Brazil, his main research axes – eschatology, political theology, mysticism, visual culture, and epistemology – and the contemporary challenges of the field. The interview offers a unique overview of the thought of one of the leading figures of the first generation of Religious Studies scholars in Brazil.

Keywords: Religious Studies. Visual culture. Teaching. Etienne Higuét. Paul Tillich. Theology.

Apresentação

Etienne Higuét (EH.) é um dos nomes centrais na consolidação das Ciências da Religião no Brasil. Nascido em 1944 na Bélgica, formou-se em filosofia e teologia

na Universidade Católica de Louvain, sob a influência de pensadores como Paul Tillich, Adolphe Gesché e Paul Ricoeur. Chegou ao Brasil em 1975 e construiu sua carreira principalmente na Universidade Metodista de São Paulo (UMESP), onde atuou como docente e pesquisador no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião por mais de trinta anos. Sua produção acadêmica percorre múltiplos eixos: a escatologia e a teologia política em diálogo com o marxismo e a teologia da libertação; a mística e a espiritualidade; a teologia e filosofia da cultura visual; e a reflexão metodológica e epistemológica no campo das Ciências da Religião. Além disso, Higuët desempenhou papel fundamental na criação do Grupo de Pesquisa Paul Tillich, na fundação da Sociedade Paul Tillich do Brasil e na direção da revista *Correlatio*. A entrevista que se segue, conduzida por Paulo Nogueira (PN.) e Vitor Chaves de Souza (VCS.), oferece não apenas um itinerário pessoal e intelectual, mas também uma homenagem ao professor Etienne Higuët e, com tal homenagem, um testemunho da formação e dos desafios das Ciências da Religião no Brasil. A entrevista, portanto, revela a trajetória de um pensador que soube integrar filosofia, teologia, artes visuais e crítica social em um horizonte interdisciplinar e comprometido com os dilemas contemporâneos da fé, da cultura e da sociedade.

PN/VCS: Você poderia dizer algo sobre si mesmo, fazer uma breve auto apresentação?

EH: Nasci no dia 09 de maio de 1944, na cidade de Dampremy, parte do *Gross Charleroi*, na Bélgica, no fim da ocupação alemã. Me contaram que o meu padrinho andou trinta quilômetros de bicicleta para poder assistir ao meu batismo, debaixo dos bombardeios americanos preparando o desembarque do dia 06 de junho. O meu pai era professor numa escola católica e minha mãe dona de casa. Recebi uma educação católica, tanto em casa quanto na escola e nos movimentos de juventude. No colégio, fiz o curso chamado “Humanidades greco-latinas”, o que me permitiu o estudo do latim e do grego clássicos.

Depois dos estudos secundários, iniciei os estudos superiores no seminário Leão XIII e na Universidade Católica de Louvain. Estudei a filologia clássica e a filosofia. Fiz a graduação em teologia no seminário diocesano de Tournai e voltei a Louvain para o doutorado em teologia, residindo agora no Colégio para a América Latina. Fui ordenado sacerdote em 1969. Defendi a minha tese sobre a escatologia de Paul Tillich em setembro de 1975. Anteriormente, tinha escrito uma dissertação sobre a utopia no pensamento do mesmo autor.

Em outubro de 1975, peguei um navio cargueiro em Rotterdam, acompanhado de várias malas de livros, chegando em Santos no dia 03 de novembro. Começava a minha estada no Brasil, que dura até agora. A minha missão era trabalhar na diocese de Lins, SP. Em 1977 e 1978, comecei a lecionar na Faculdade de Teologia N. S. da Assunção em São Paulo e no curso de teologia que iniciava na PUC de Campinas. Resolvi deixar o ministério sacerdotal em 1978 e me casei em 1979 com Áurea Maria da Cunha, mineira de Uberaba, MG. Acabamos de comemorar 45 anos de casamento. Temos três filhos (duas filhas e um filho), seis netos e três bisnetos³.

Tendo perdido as minhas aulas nas faculdades católicas, encontrei trabalho em diversas faculdades em São Paulo e Itatiba, SP. Lecionei diversas disciplinas de filosofia na Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção (FAI), vinculada à Faculdade de Teologia do Ipiranga. Depois de alguns anos, voltei a trabalhar na Faculdade de Teologia, no programa de pós-graduação em teologia. Trabalhei também no, Instituto de Teologia São Paulo (ITESP), que tinha uma graduação em teologia mantida por três congregações religiosas. O que viria a ser o meu principal lugar de atuação profissional era o Instituto Metodista de Ensino superior, de São Bernardo do Campo.

³ Infelizmente, a minha esposa faleceu no dia 10 de maio de 2024, após uma longa doença.

Comecei em 1979 com algumas aulas de sociologia e antropologia cultural, que cheguei a ministrar durante dez anos. Depois de algum tempo, fui convidado pelo professor Isaque Aço para uma aula na Faculdade de Teologia Metodista. Depois que ele foi eleito bispo, a sua sucessão foi assumida pelo professor Prócoro Velasquez, que me convidou novamente na Faculdade de Teologia e, em seguida, no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião (PPGCR).

No começo, só ministrava uma disciplina por semestre, com um total de seis horas/aula. A minha atuação aumentou aos poucos, mas só iria chegar a um tempo praticamente integral em 1996. Ofereci disciplinas de sociologia, Novo Testamento e Teologia. Lecionei também durante vários anos na Faculdade de Teologia Metodista, oferecendo praticamente todas as disciplinas de Teologia Sistemática, salvo a eclesiologia. Atuei também no curso de filosofia, que foi criado pelo professor Rui Josgrilberg. Durante vários anos, a minha produção acadêmica foi escassa, pois ficava mais preocupado com a sobrevivência da minha família, tendo que ministrar muitas aulas na graduação. Depois, a minha situação começou a se estabilizar. Paralelamente, participei de um projeto de educação ambiental patrocinado pelo programa de cooperação internacional da Bélgica. A partir do fim dos anos 1990, passei a me dedicar cada vez mais ao PPGCR, ficando na UMESP até 2013, quando me aposentei e fui exonerado por motivos econômicos. Orientei muitas dissertações e teses, lecionei muitas disciplinas, com alocação na área de Teologia e História. Criei, junto com os professores Jaci Maraschin e Rui Josgrilberg e alguns alunos, o Grupo de Pesquisa Paul Tillich, a Sociedade Paul Tillich do Brasil e a revista *Correlatio*. Ainda trabalhei, durante quatro anos, como professor visitante, na Universidade do Estado do Pará em Belém e mais um ano na Universidade Federal de Juiz de Fora, MG, sempre no PPGCR.

Fora das atividades profissionais, fui sempre muito dedicado à família. Gosto muito de leitura e de música clássica, canção francesa e MPB, assim como de cinema e artes plásticas. Cheguei a me aventurar na dança, junto com a minha esposa. Não sou muito voltado para o esporte, mas pratiquei, nas horas livres, o ciclismo, a natação e a caminhada.

PN/VCS: Conte como foi sua formação acadêmica. Que professores(as) e autores(as) te marcaram?

EH: Comecei com dois anos de Filologia clássica (grego e latim) e de Filosofia, na Universidade Católica de Louvain (UCL). Depois, mais um ano de Filosofia. Os professores mais importantes que tive foram Georges Van Riet (epistemologia), Albert Dondeyne (antropologia), Jean Ladrière (Cosmologia e Filosofia da Natureza, Filosofia da linguagem), Alphonse de Waelhens (Filosofia contemporânea, existencialismo), Joseph Dopp (Filosofia contemporânea anglo-saxã) e Jacques Taminiaux (Fenomenologia). Lembro-me de um curso do professor de Walhens sobre Merleau-Ponty. Ele era famoso por ter traduzido “Ser e Tempo”, de Heidegger, em francês para a editora Gallimard. Com Albert Dondeyne, descobri a fenomenologia e a filosofia existencial, com a leitura de Lévinas. Com Jean Ladrière, conheci as principais correntes da “virada linguística”. Com Joseph Dopp, descobri a filosofia analítica, por exemplo, o pensamento de Quine. Era um período de transição entre o domínio do neotomismo, ainda representado pelo professor Van Steenberghen, e a abertura a correntes mais contemporâneas, especialmente a fenomenologia.

O Instituto de Filosofia estava separado do Seminário Leão XIII apenas por uma porta, e as duas instituições constituíam espaços de diálogo e discussão acadêmica muito ricos. Alguns professores do Instituto residiam no Seminário. Tanto o ambiente do Instituto quanto o ambiente do Seminário eram cosmopolitas, com estudantes de muitos países diferentes, inclusive do Brasil, além de reunir todas as regiões do país. Acho que acabei aprendendo mais pelos contatos com os

colegas do que com os professores. Por exemplo, um colega me fez conhecer Karl Jaspers, um outro Emmanuel Lévinas.

A minha estada no Seminário Leão XIII coincidiu com o Concílio Vaticano II, que suscitava debates muito interessantes, às vezes acalorados, repercutindo sobre o ambiente do Seminário, no qual soprava um vento de reforma da Igreja, especialmente na formação dos futuros sacerdotes. Os bispos belgas e os teólogos de Louvain estavam na primeira linha da abertura inspirada no famoso *Aggiornamento* pregado pelo papa João XXIII. Eles tiveram uma influência notável na redação de vários documentos do Concílio, como *Lumen Gentium* e *Gaudium et Spes*. Vários deles ofereceram conferências aos seminaristas, como o cardeal Joseph Suenens, que foi um dos líderes da maioria no Concílio.

Pela primeira vez, senti na carne a profunda divisão cultural e política do meu país. Pois a maioria flamenga se tornava mais decidida e mais agressiva na luta pela defesa dos seus interesses e pela hegemonia no Estado belga. Uma das consequências foi a divisão da Universidade Católica e a saída da parte francófona da cidade de Leuven, na região flamenga, para a construção de uma nova universidade na parte francófona do país (Louvain-la-Neuve). Os protestos dos estudantes flamengos fizeram até cair um governo. Os chamados “problemas linguísticos” são recorrentes desde o século XIX e fazem sentir a sua influência até hoje. É quase impossível explicar para quem não nasceu na Bélgica. O conflito repercutia no próprio seminário.

A graduação em teologia começou no seminário diocesano de Tournai, uma cidade antiga com monumentos medievais. Entre outros, a maravilhosa catedral românica e gótica, na qual participávamos todo domingo da missa do bispo, cantando no coral gregoriano. Em geral, tive bons professores, durante os três anos da minha permanência. Aquele que se destacava mais era talvez Joseph Ponthot, professor de exegese do Novo Testamento. A exegese católica começava a se liberar das visões tradicionais de cunho dogmático e a se abrir às novas correntes vindas da Alemanha. Fora das aulas, a gente procurava acompanhar a atualidade eclesial (reformas) e teológica, sobretudo as obras que tinham “cheiro de enxofre” e a teologia protestante alemã. Lembro-me de ter lido e discutido com os colegas o pequeno livro do bispo anglicano John Robinson, *Honest to God*. É lá que descobri pela primeira vez o pensamento de Paul Tillich e a “Teologia da morte de Deus”. Foi uma revolução intelectual. Comecei a me dedicar ao estudo do alemão (para a teologia) e do português, já pensando no Brasil. Passei férias estudiosas na Alemanha, em particular em Marburg, voltando com livros de teologia, entre outros de Tillich e Bultmann. Ganhei uma visão nova do protestantismo, que passou a me atrair muito mais que o catolicismo. Com o Concílio Vaticano II, o ecumenismo tinha feito grandes progressos.

Voltei a Leuven, para o último ano da graduação (Bacharelado), que era também o primeiro ano da *Schola Maior*, desta vez no Colégio para a América Latina, onde se formava sacerdotes para trabalhar na América latina, atendendo ao apelo de João XXIII, no documento *Fidei Donum*: as dioceses europeias eram chamadas a emprestar sacerdotes para as dioceses latino-americanas, onde sua falta se fazia cruelmente sentir. Era de novo um seminário interdiocesano, com um grande número de estudantes latino-americanos, de todos os países.

Na Faculdade de Teologia, o bacharelado e a *Licence* ainda ofereciam muitas disciplinas, de todos os ramos da teologia. Entre os professores que me marcaram, posso citar Frans Neirynck, que nos iniciou à *Redaktionsgeschichte* do Evangelho de Marcos; Roger Gryson, professor de patrística, pioneiro na edição da *Vetus latina*, apresentou uma pesquisa muito interessante sobre as origens do celibato eclesial; Louis Janssens procurava renovar a moral teológica; sobretudo, Adolphe Gesché, professor de dogmática, que seria o meu orientador. Ele procurava renovar a linguagem

da teologia pela abertura à filosofia contemporânea e à literatura. No fim da carreira dele, publicou uma série de livros sob o título geral de *Deus para pensar*, que são uma referência até hoje. Foram traduzidos e publicados nas edições Paulinas, sob a direção de Afonso de Ligório Soares, que nos deixou cedo demais.

A *Licence* (na época não existia a figura do Master) durava dois anos, ainda com muitas disciplinas, algumas opcionais, terminando com uma dissertação. A especialidade se escolhia na hora de procurar um orientador. Tendo estudado o grego, fui orientado naturalmente a escolher o Novo Testamento. Contudo, após ter percebido o caráter excessivamente técnico e cortado da vida atual da exegese do Novo Testamento, resolvi mudar o rumo e procurei o professor Gesché. Nunca me arrependi. O brasileiro Clodovis Boff foi orientando do mesmo “promotor” quase ao mesmo tempo. Bem mais tarde, o professor Gesché foi orientador da tese de Ivone Gebara. Para a dissertação, escolhi o pensamento de Paul Tillich, que foi muito comentado na ocasião do falecimento dele em 1965. Acho que fui o primeiro na Faculdade de Teologia. Aproveitando o meu estudo do alemão, já tinha muitas leituras, especialmente do período alemão (1919-1933). Poucos textos tinham sido traduzidos em francês. Me interessavam especialmente os textos sobre o socialismo religioso e sobre o protestantismo, o que correspondia a minhas opções políticas e religiosas. Percebia afinidades com a teologia da libertação – que começava apenas a ficar conhecida no domínio francês – e com a teologia política de Metz e Moltmann. Optei pelo tema da utopia, com o título: *Le concept d’Utopie dans la théologie de Paul Tillich* (O conceito de utopia na teologia de Paul Tillich).

O doutorado durava quatro anos, ainda com algumas disciplinas, escolhidas em afinidade com o tema da tese, e a maior parte do tempo dedicada à pesquisa. Elegei disciplinas de preferência em filosofia, sabendo que era uma vertente importante do pensamento de Tillich, mas também nas Ciências Sociais, especialmente a Sociologia do Conhecimento. Tive a felicidade de poder cursar uma disciplina e um seminário com Paul Ricoeur, que foi professor visitante na UCL durante dois anos. Numa entrevista com ele, no final do seminário, ele manifestou o seu grande apreço por Paul Tillich, do qual tinha sido o sucessor em Chicago. Ele tinha aceitado patrocinar a tradução francesa da Teologia Sistemática, da qual tinham saído os volumes correspondendo às duas primeiras partes. Infelizmente, por motivos editoriais, o resto da tradução ficou no prelo e só foi retomada muitos anos depois. Os temas das aulas foram a *Hermenêutica e a Semântica da Ação*. Para a tese, arrisquei trabalhar com a Teologia Sistemática de Tillich, da qual fiz uma leitura e análise minuciosa no texto alemão. O título definitivo foi: *Eschatologie et Théologie de l’Action*. *Lecture critique de la Théologie Systématique de Paul Tillich* (Escatologia e Teologia da Ação. Leitura crítica da Teologia Sistemática de Paul Tillich).

Aproveitei o tempo livre para completar o curso de *Licence* em filosofia, que era importante porque a teologia não tinha reconhecimento do Estado. Consegui reciclar a minha dissertação teológica como *Le concept d’Utopie dans la pensée de Paul Tillich, suivi d’une comparaison avec la dernière philosophie de F.J.W Schelling* (O conceito de utopia no pensamento de Paul Tillich, seguido de uma comparação com a filosofia tardia de F.J.W. Schelling), sob a orientação do professor Jacques Etienne. Conseguir esse diploma me ajudou muito quando tive que procurar emprego no Brasil.

Durante o terceiro ano do doutorado, consegui uma bolsa do Deutscher Akademischer Austauschdienst (DAAD) para prosseguir na minha pesquisa na Faculdade protestante da Philipps-Universität de Marburg, com supervisão do professor Karl Heinz Ratschow, um dos principais estudiosos e editores de Tillich. Poderia ter ficado mais tempo, mas o meu bispo me mandou voltar para atuar numa paróquia, antes da minha vinda ao Brasil. Isso dificultou um pouco

a conclusão da tese, mas consegui marcar a defesa para setembro de 1975, apenas um mês antes da minha viagem. Só faltava publicar uma parte ou um resumo da tese numa revista conceituada. Foi aceita uma tradução portuguesa, que foi realizada pelo padre José Oscar Beozzo, com quem eu trabalhava em Lins. O artigo saiu como *Escatologia e teologia da ação* – A Teologia Sistemática de Paul Tillich, na *Revista Eclesiástica Brasileira*, vol. 37, fasc. 147, setembro de 1977, p. 525-568. O título de *Docteur en Sciences Théologiques et Religieuses* (Doutor em Ciências da Teologia e Religião) foi promulgado na UCL em junho de 1978. Ele foi revalidado mais tarde na UESP como *Doutor em Ciências da Religião*.

PN/VCS: Quais as suas principais influências de ideias e autores?

EH: Além de Tillich, único mestre que me acompanhou a vida toda: teologia sistemática e teologia da cultura, socialismo religioso, teologia da arte, filosofia da religião. Muitas vezes, Tillich foi o ponto de partida para o encontro com muitos outros teólogos e filósofos. Durante a minha carreira docente, fui muitas vezes guiado pelas disciplinas que tinha que ministrar. Procurava sempre pensamento e autores atuais. O que resultou, muitas vezes, em certo ecletismo.

Na literatura, mencionaria especialmente Charles Péguy, Paul Claudel, Marie Noël (desde a juventude) e a poesia francesa em geral, sobretudo do século XX. Depois, me interessei pela poesia em alemão e português. Na prosa, os meus autores preferidos na juventude foram Camus, Saint-Exupéry e Dostoiévski. Mais tarde, faria uma menção especial de Bertolt Brecht.

Na filosofia, o pensamento que mais me marcou foi o de Immanuel Kant, com a sua “revolução copernicana” de superação do objetivismo. Em segundo lugar, a fenomenologia, preferindo as visões globais ao estudo específico de alguns autores, salvo talvez Merleau-Ponty. Por outro lado, o marxismo e o neomarxismo ou marxismo revisionista: Antonio Gramsci, Ernst Bloch, Escola de Frankfurt. Em terceiro lugar, a hermenêutica filosófica, antes de tudo Paul Ricoeur. Enfim, a pós-modernidade, especialmente Jean-Luc Nancy e Jacques Derrida. Na ética, Emmanuel Lévinas (a ética como filosofia primeira), Apel, Habermas (teoria da comunicação), Enrique Dussel (ética da libertação) e, de novo, Paul Ricoeur.

Na teologia, além de Tillich, Karl Rahner e Hans Küng, o meu orientador Adolphe Gesché, Teilhard de Chardin; teologia política (Metz) e da esperança (Jürgen Moltmann); teologia como hermenêutica; crítica da dogmática e do teísmo; pluralismo religioso (Paul Knitter e outros); teologia radical. Teologia protestante do século XX, Bultmann e a desmitologização. Teologia da Libertação: Leonardo e Clodovis Boff, Juan Luís Segundo, Rubem Alves, Gustavo Gutierrez, Jon Sobrino, José Comblin, Hugo Assmann. Fiquei sempre interessado por questões de método e pela escatologia (em relação com a utopia). Mística e teologia negativa ou apofática (Mestre Eckhart). Na sociologia (especialmente da religião), Peter Berger e Thomas Luckmann, Pierre Bourdieu, Max Weber, Ernst Troeltsch, Pierre Sanchis, Otto Maduro. Crítica da religião em geral, crítica das ideologias, secularização, desencanto do mundo (Marcel Gauchet), messianismo, sincretismo e hibridismo. Ecologia: abordagem interdisciplinar; na teologia, Leonardo Boff.

Na antropologia cultural: Claude Lévi-Strauss, Darcy Ribeiro, Carlos Brandão. Catolicismo popular, religiões de matriz africana e indígena. História do cristianismo: Jesus, origens cristãs, Reforma protestante, Século XIX (Roger Aubert, que foi o meu professor), América latina, especialmente o Brasil. Religião como linguagem visual: Georges Didi-Huberman (história da arte, fenomenologia) e Jean-Jacques Wunenburger (fenomenologia) exerceram a maior influência no meu pensamento. Além disso, antropologia (Gilbert Durand), semiótica visual, iconoclasmo (Alain Besançon), teologia protestante das imagens (Jérôme Cottin). Na arte, especialmente a pintura:

Renascimento (Matthias Grünewald, Leonardo da Vinci, Pieter Bruegel, Hieronymus Bosch), Expressionismo, pintura não figurativa e abstrata (Kandinski), representações do Cristo e de Maria, Cândido Portinari.

PN/VCS: Quais são os eixos mais importantes da sua produção acadêmica e o que você destacaria?

EH: Preciso iniciar com algumas observações prévias. Em primeiro lugar, quero ressaltar as dificuldades encontradas para redigir em português, durante os primeiros anos de estada no Brasil. O artigo da tese, publicado em 1977, foi redigido em francês e traduzido por um brasileiro. Depois da minha saída do ministério, a minha produção se tornou mais escassa, pois tive que ministrar muitas aulas, em diversas instituições de ensino superior e fui tomado pelos problemas familiares. Assim, não publiquei nenhum artigo e apenas dois capítulos de livro entre 1977 e 1994.

Em segundo lugar, boa parte dos textos publicados foi resposta a pedidos ou retomada de trabalhos apresentados em congressos e encontros. Desse modo, muitas vezes o tema foi imposto pela organização dos eventos ou pedido pelo PPGCR, em relação com disciplinas ministradas. Por outro lado, sempre tive um pouco de preguiça em publicar e comecei a produzir mais quando a publicação se tornou uma exigência da CAPES. Muitas pesquisas, especialmente para preparar as aulas, não resultaram em publicações, por isso, seria interessante mencionar os principais planos de ensino, sobretudo para as disciplinas que lecionei várias vezes, mas acho que sairia do quadro dessa entrevista. Além disso, os projetos de pesquisa.

Posso identificar um primeiro eixo na relação entre teologia política, da esperança e da libertação – especialmente a escatologia –, e a práxis política libertadora. O tema já está presente na minha dissertação de *licence* em teologia e filosofia e na minha tese de doutorado (ver pergunta 2). Posso mencionar os textos publicados no meu livro “*A teologia de Paul Tillich: utopia, esperança e socialismo*”. Vão de 1977 a 2012 e incluem a relação com o marxismo. Todos os textos têm relação com Tillich, mas também com o tema principal, que percorre toda a minha carreira: *Escatologia e teologia da ação: a Teologia Sistemática de Paul Tillich; Os fundamentos da utopia e da esperança na Teologia Sistemática de Paul Tillich; Teologia da Esperança: diálogo com Jürgen Moltmann; Libertação sócio-política na teologia de Paul Tillich; Qual utopia para superar a crise: Uma reflexão a partir de Paul Tillich e Frank Hinkelhammert; Comunidade política e Reino de Deus: Teologia e socialismo em Tillich e Barth; Interpretação política da história na teologia da libertação e no pensamento de Paul Tillich: a relação com o marxismo; O “socialismo religioso” de Paul Tillich e o socialismo do partido dos trabalhadores antes do primeiro mandato do presidente Luís Inácio Lula da Silva*. Podemos acrescentar a resenha *O capitalismo não é uma religião* (2014) e o *Comentário a “Lévinas e o socialismo libertário* (2021).

Um segundo eixo diz respeito aos textos sobre espiritualidade e mística. Posso citar: *O misticismo na experiência católica: religiosidade popular e misticismo no Brasil; Teologia mística de Santo Agostinho; O verbete Misticismo no Dicionário brasileiro de teologia; Saúde, doença e cura no pensamento de Paul Tillich; Para uma espiritualidade do cotidiano; Misticismo e sincretismo na espiritualidade ecológica brasileira; Espiritualidade e política: a espera; Não comer e não beber como opção da espiritualidade religiosa; A espiritualidade da adoração*.

Um terceiro eixo, o mais importante nos anos recentes, inclui os textos sobre cultura visual e teologia e filosofia da arte. Há artigos metodológicos e estudos de caso. Entre os primeiros, menciono: *Interpretação das imagens na teologia e nas ciências da religião; Imagens e imaginário: subsídios teórico-metodológicos para a interpretação das imagens simbólicas e religiosas;*

Contribuição dos estudos de cultura visual para as ciências da religião; Métodos semióticos e cultura visual: a semiótica visual; A enunciação na semiótica visual, especialmente na pintura religiosa. Entre os segundos, encontro: A crucificação de Matthias Grünewald à luz de uma teologia protestante da imagem; A representação do Cristo no expressionismo alemão; Interpretação de imagens religiosas: a Via Sacra da Pampulha de Cândido Portinari; Religião e arte em Jacques Derrida. A respeito da pintura de Jean-Michel Atlan; Leitura filosófica da pintura cristã: Jean-Luc Nancy; Vida e encarnação no ser humano, em Cristo e na pintura de Kandinsky; A representação do mistério pela figuração do vazio na pintura ocidental. O conjunto bastaria para constituir um livro. Entre os métodos usados, houve prioridade da hermenêutica fenomenológica e da semiótica.

Para uma visão de conjunto, ver: “*Contribuição dos estudos de cultura visual para as ciências da religião*”⁴ eis um trecho da Introdução:

O ponto de partida das minhas pesquisas foi pedagógico e teológico, relacionou-se com o ensino em sala de aula. No programa de pós-graduação em Ciências da religião da Universidade Metodista de São Paulo, onde atuei por mais de trinta anos, tive a incumbência de ministrar várias vezes a disciplina *Temas de teologia*⁵. Depois de trabalhar durante vários anos de um modo mais clássico, analisando criticamente obras teológicas, procurei um diferencial para não tornar o meu ensino repetitivo e, sobretudo, para adequá-lo melhor aos estudos teológicos no seio de um programa de ciências da religião, evitando assim as posições normativas confessionais. Porque não procurar as dimensões visuais na religião e na teologia, tentando elaborar uma teologia em imagens?

Assim, foram abordados os temas do iconoclasmo, da criação do mundo, da cristologia, do fim dos tempos, com o juízo final, o céu, o purgatório e o inferno, e da colonização do imaginário. As ferramentas metodológicas foram, sobretudo, a teoria do imaginário de Gilbert Durand e a hermenêutica dos símbolos e mitos (Ricoeur, Nancy, Tillich). Desse modo, podiam aparecer reflexos da religião e da espiritualidade vivida não necessariamente tematizados pelas teologias tradicionais.

[...] Com a introdução da disciplina *Cultura visual* e narrativas, no currículo do programa da UESP, o acento foi colocado sobre estudos teóricos e metodologias de análise das imagens, especialmente em relação com a semiótica e os modos socioculturais do olhar. O visual é concebido doravante como prática discursiva em pé de igualdade com a linguagem articulada, igualando e até superando a semiótica como fonte de conhecimento. As perspectivas metodológicas anteriores não foram abandonadas e serão descritas no corpo do texto.

Contudo, pelo fato da alocação das disciplinas oferecidas na linha de pesquisa *Linguagens de religião*, havia uma tendência a privilegiar a linguagem oral e escrita, tratando da religião e também das imagens como texto. Em consequência, a linguagem visual foi analisada de preferência a partir de ferramentas metodológicas pensadas para estudar textos escritos, em particular sagrados e literários, como a semiótica e a hermenêutica. Isso não deixou de influenciar a minha pesquisa até hoje, embora esteja, desde o início, preocupado em analisar as imagens religiosas na sua especificidade vinculada ao olhar (p. 126).

Podemos pensar num quarto eixo dizendo respeito ao método e à epistemologia da teologia e das ciências da religião, especialmente a hermenêutica. Nessa linha, posso citar: *Hermenêutica da religião*, no *Compêndio de Ciência da Religião*; *O campo e o estudo da religião à luz do pensamento de Paul Tillich*; *A crítica política da Hermenêutica*; *Teologia e novas antropologias*; *A experiência religiosa no método teológico*; *A teologia em programas de ciências da religião*; *Reformulação do programa de pós-graduação em ciências da religião da Universidade metodista de São Paulo: aspectos históricos e metodológicos*; *Editorial-Dossiê: Teorias da linguagem e estudos de religião*.

Enfim, posso identificar um quinto eixo, incluindo filosofia da religião e pós-modernidade. Vários textos que foram colocados nos outros eixos poderiam também estar aqui. Entre os artigos

⁴ Silveira, Emerson Sena da. *Como estudar as religiões. Metodologias e Estratégias*. Petrópolis: Vozes, 2018, p. 126.

⁵ Uma breve descrição dessas aulas está no texto *Interpretação das imagens na teologia e nas ciências da religião* (remeter à bibliografia) p. 69.

que ainda não foram mencionados, cito: *A desconstrução da encarnação e da ressurreição em Jean-Luc Nancy*; *O lugar da religião no pensamento de Paul Ricoeur*; *O projeto de desconstrução do cristianismo de Jean-Luc Nancy*; *A fé na filosofia pós-moderna: Jacques Derrida e Jean-Luc Nancy*; *A desconstrução da fé cristã: a respeito de um livro de Jean-Luc Nancy*.

Mencionei acima o ecletismo ao qual fui levado pelas circunstâncias e pela diversidade dos meus centros de interesse, que também mudaram ao longo do tempo. Assim, a teologia política e a teologia da libertação ocuparam muito espaço nos primeiros anos da minha carreira acadêmica e foram substituídos pelas considerações metodológicas, pela cultura visual e a preocupação pela linguagem religiosa. Do mesmo modo, a perspectiva teológica deixou espaço para a abordagem mais filosófica, no contexto das ciências da religião. Poderia ter mencionado também o diálogo inter-religioso e o pluralismo religioso, incluindo a ausência de religião.

O pensamento de Paul Tillich atravessa praticamente todos os outros eixos. A teologia da cultura e a teologia da arte são específicas desse eixo. Posso mencionar: *O meu itinerário com o pensamento de Paul Tillich*; *Religião e cultura na ótica de Paul Tillich*; *Atualidade da teologia da cultura de Paul Tillich*; *Ontologia e religião na teologia da cultura de Paul Tillich*; *A teologia “apologética” da cultura de Paul Tillich: profundidade e superfície na busca do sentido*; *La méthode de la Théologie de la culture au Brésil*.

Há outros temas: *Falar de Deus no limite dos tempos: a contribuição de Paul Tillich à superação do teísmo na modernidade tardia*; *A fenomenologia no pensamento filosófico e teológico de Paul Tillich*; *Amor divino ou amor humano? Amor cristão ou amor pagão? O resgate do erótico no pensamento de Paul Tillich e na teologia feminista*; *A crítica dos argumentos filosóficos a favor da existência de Deus e sua superação na filosofia da religião de Paul Tillich*; *Tendências pluralistas na Teologia das religiões de Paul Tillich*; *Devoção e romaria à Santíssima Trindade: um olhar simpática a partir de Paul Tillich*; *A força de Eros no pensamento ético e político de Paul Tillich*; *La théologie de la culture en Amérique latine*; *Jesus, símbolo de kairos no pensamento de Paul Tillich e nos cultos afro-brasileiros*; *Alguns aspectos do catolicismo brasileiro atual – considerações a partir da visão da modernidade de Paul Tillich*; *O Método da Teologia Sistemática de Paul Tillich – A relação da razão e da revelação*; *O campo e o estudo da religião à luz do pensamento de Paul Tillich*; *La fonction “pastorale” de la théologie apologétique ou le temps et l'éternité dans la culture*; *Le “socialisme religieux” de Paul Tillich et le socialisme brésilien de “l'ère Lula”*; *Die trinitarischen Symbole im brasilianischen Volkskatholizismus. Religionsgeschichtliche und theologische Interpretation in der Perspektive Tillichs*; *Mystizismus und Synkretismus in der neuen Spiritualität Brasiliens: Rechtfertigung und Kritik in der Perspektive der Theologie Tillichs*; *Ambiguidade das imagens religiosas à luz do pensamento de Paul Tillich: o caso de Aparecida do Norte*; *Os métodos da filosofia da religião de Paul Tillich*; *O protestantismo no Brasil entre o conservadorismo e a transformação social: reflexão a partir de Paul Tillich*; *Herméneutique phénoménologique des images chez Paul Tillich et Paul Ricoeur*. Pode se perceber que há cruzamentos com os eixos anteriores. A filosofia da religião e as considerações metodológicas também se fazem presentes.

Vejamos alguns trechos do meu artigo *O meu itinerário com o pensamento de Paul Tillich*, publicado na revista *Correlatio* (v. 16, n. 32):

O problema da utopia se colocou para Tillich no contexto da sua participação no movimento dos socialistas religiosos, entre 1919 e 1933. Surgiu a partir da contradição existente entre as utopias imanentes, especialmente socialistas e as concepções transcendentalistas, centradas na esperança no além, do protestantismo luterano. Num clima de decadência da civilização burguesa, ao sair da primeira guerra mundial, o tempo parecia maduro para a reorganização dos valores culturais, no sentido de uma sociedade mais justa e igualitária. Os socialistas religiosos queriam mostrar que havia um necessário compromisso do cristianismo com este ideal.

[...] Foi a ideia do Kairós, do tempo favorável, que permitiu valorizar a importância do momento histórico em vista da produção do futuro, sem se deixar prender pelo utopismo. O Kairós indica que a luta por uma nova ordem social não pode levar à realização expressa na ideia de Reino de Deus, mas que um tempo determinado exige tarefas determinadas, que podem levar à realização fragmentária do ideal do Reino. “O Reino de Deus ficará sempre transcendente, mas aparecerá como julgamento pronunciado sobre uma forma dada de sociedade e como norma de uma sociedade por vir” (TILLICH, 1965, p. 46).

A maioria dos temas dos “Seminários em diálogo com o pensamento de Paul Tillich” está relacionada com a Teologia da Cultura. As conferências de 1998 foram publicadas em Estudos de Religião nº 16 (Cf. HIGUET, 1999). A partir de 2002, os textos que foram entregues saíram na revista Correlatio. Uma coletânea de artigos, organizada por Jaci Maraschin e por mim, saiu em 2006, com o título “A forma da religião – Leituras de Paul Tillich no Brasil” (HIGUET, 2006).

Vejam alguns exemplos de análise religiosa da cultura presentes nas minhas produções entre 1994 e 2013:

Atualidade da teologia da cultura de Paul Tillich (contém os seguintes itens: Análise da cultura da sociedade industrial, Análise religiosa da situação do proletariado na sociedade capitalista, Natureza, símbolo e sacramento; Saúde, cura e salvação no pensamento de Paul Tillich).

Teologia da arte de Tillich: Em diversos textos, usei o referencial tillichiano para analisar A crucifixão do retábulo de Issenheim, de Matthias Grünewald, a *Guernica* de Pablo Picasso, uma *Crucifixão* de Emil Nolde, a *Via Crucis* da Pampulha de Cândido Portinari (Cf. HIGUET, Grünewald; 2012b, p. 99-103; 2014e; Portinari).

Fora da Teologia da Cultura, mas em relação com ela, propus também algumas reflexões epistemológicas e metodológicas: O método da Teologia Sistemática, *O método da filosofia da religião*, *O campo e o estudo da religião à luz do pensamento de Paul Tillich*. Gostaria de terminar com algo que me atraiu desde as minhas primeiras leituras de Tillich: a sua tentativa de pensar Deus fora das categorias da ontoteologia, superando assim o teísmo tradicional. Aliás, está em sintonia com a cultura da nossa modernidade tardia. A reflexão está no artigo “Falar de Deus no limite dos tempos: A contribuição de Paul Tillich à superação do teísmo na modernidade tardia”.

[...] Uma pergunta: o estudo de Tillich cabe num programa de Ciências da religião? O fato é que a filosofia e a teologia estão presentes em vários Programas de pós-graduação em Ciências da religião no Brasil. A Capes e a Anptecre reconheceram a sua relevância nestes programas. Tentei mostrá-lo no artigo intitulado “A teologia em programas de ciências da religião” (HIGUET, 2006⁶), usando parcialmente o pensamento tillichiano. Para Tillich, a teologia é a parte sistemática e normativa da ciência da religião. Como teologia da cultura, ela estuda o teor religioso de toda cultura e de toda forma cultural. Assim, ela estará presente como ciência hermenêutica, de preferência não confessional, e como crítica das ideologias, inclusive no seu próprio seio.

A maioria dos textos sobre Tillich está relacionada na bibliografia do artigo.

PN/VCS: Você fez parte da primeira geração de cientistas da religião do Brasil, nos anos 80. Como você descreveria esses inícios? Quais os eixos adotados? Por que esses? Como foi organizar uma área inédita no país? E como foram as relações com a teologia então?⁶

EH: O primeiro programa de pós-graduação, organizado pela Faculdade de Teologia Metodista, era um mestrado em teologia e funcionou durante algum tempo no final dos anos 1970. Por motivos internos à Faculdade de Teologia e à Igreja Metodista, essa primeira tentativa não vingou e foi interrompida. Depois, o programa (chamava-se curso) foi retomado, agora com o nome de Ciências da religião, no início dos anos 1980, doravante coordenado pelo professor Prócoro Velasquez.

⁶ Fiquei parado um bom tempo na terceira pergunta, não apenas por causa da dificuldade de responder às outras, mas em razão do relativo esgotamento motivado pelo acompanhamento das últimas semanas de vida da minha esposa e pelo luto vivido após o falecimento dela no dia 10 de maio de 2024. Retomei em setembro de 2024.

As minhas lembranças não são muito nítidas sobre os primórdios das Ciências da religião no Brasil e dizem mais respeito à história do programa do Instituto Metodista de Ensino Superior, depois UMESP. Mesmo assim, não tive participação nas tomadas de decisão, o que faz que disponho de poucas informações de primeira mão⁷. O programa era dirigido pelo “triunvirato” Prócoro, Maraschin, Mendonça. Depois, vieram Júlio de Santa Ana e Milton Schwantes. Em consequência de um conflito com o Instituto Metodista de Ensino Superior (IMS), o programa ficou hospedado durante algum tempo numa casa da rua São João Batista, em Rudge Ramos, onde estava também a biblioteca ecumênica, fruto de doações. É que se queria, antes de tudo, manter a autonomia e o caráter ecumênico do programa⁸.

No meu artigo sobre a reformulação do programa (ver pergunta 3), retracei os começos do mesmo, em grande parte a partir dos artigos do professor Mendonça. O primeiro currículo dava a preponderância à teologia (sistemática e prática) e aos estudos bíblicos. Uma área de Ciências sociais e religião completava o quadro. Houve uma longa discussão, durante os primeiros anos, sobre o perfil do programa e sua gradativa distinção em relação à teologia. A primeira comissão de avaliação da CAPES, com influência preponderante do programa de teologia da PUC de Rio de Janeiro, insistiu muito nesse ponto, ressaltando sempre a composição do corpo docente, em maioria por docentes com formação sobretudo teológica, “recém-convertidos” às Ciências da Religião. Havia também a concorrência dos departamentos de Estudos de religião nas universidades públicas, especialmente nos programas de ciências sociais e psicologia. Na opinião de muitos, isso tornava inútil a existência de programas de ciências da religião, com docentes polivalentes e pouco especializados.

A respeito da relativa confusão entre a teologia e as ciências da religião, cito alguns trechos do meu artigo sobre a reformulação do programa, a partir de um artigo do professor Antônio Gouveia Mendonça⁹.

As áreas de concentração não eram estanques, transitava-se livremente de uma para a outra. Debaixo do pálio da Filosofia, agora senhora e não serva da Teologia, não se visualizavam distanciamentos e conflitos entre Teologia e Ciências da Religião. Eram ciências irmãs dentro de uma mesma casa. Somente com o progresso da área, graças à criação de outros cursos e seu ingresso no sistema de avaliação, é que surge devagar algum questionamento sobre os respectivos perfis (Mendonça, 2008, p. 240).

Para o professor, a discussão sobre a questão de saber se a teologia era uma ciência e que tipo de ciência não levaria a nenhum resultado, pois não havia acordo sobre o que é ciência. O importante seria que a Teologia fosse submetida, como as outras Ciências Humanas, à crítica epistemológica, fazendo abstração das suas características eclesiais e normativas (Mendonça, 2008, p. 248).

A insistência da Capes na clarificação do perfil do programa e da sua relação com a teologia refletiu-se nos diversos documentos elaborados pelas comissões avaliadoras ao longo dos anos. Foi levado em conta também o amplo debate envolvendo os programas reconhecidos pela CAPES, especialmente através da ANPTer e agora da ANPTECRE¹⁰.

⁷ Tenho muitos arquivos em disquetes, cuja conversão se tornou atualmente extremamente onerosa e quase inacessível.

⁸ Essa ação era, de certo modo, profética, pois em 2023, o programa nota 5 naufragou por causa da irresponsabilidade da Umesp e da Igreja Metodista. Ele perdeu também suas revistas científicas, entre as quais Estudos de Religião e Correlatio. O acesso a Estudos de religião foi restabelecido para os números publicados entre 2021 e 2023, mas não foi o caso de Correlatio.

⁹ Mendonça, A. G. *O fim de um tempo*. Última aula na Pós-Graduação em Ciências da religião (15 de agosto de 2002). *Estudos de Religião*, ano XXII, n. 34, p. 234-248, 2008.

¹⁰ Lembro-me de ter participado de uma reunião de docentes dos programas já reconhecidos na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul em Porto Alegre. Se não me engano, só havia dois programas de Ciências da Religião: a Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e o IMS, e havia alguns programas de teologia. A discussão tocou em questões de perfil e de epistemologia. A Associação Nacional de Pós-Graduação em Teologia e Ciências da Religião (ANPTer), ainda estava em processo de fundação, com o professor Mendonça como presidente. Prometeu-se um congresso, que de fato nunca aconteceu. Redigi uma ata, que depois foi publicada na internet e desapareceu depois de algum tempo. Infelizmente, não guardei o arquivo. Depois, a ANPTer cedeu o lugar para a ANPTECRE, que já organizou vários congressos.

Ao longo do tempo, a grade curricular sofreu pequenas modificações, mantendo a sua estrutura básica. Esta era em grande parte calcada na organização dos estudos teológicos, com quatro áreas de concentração: Bíblia AT e NT, Teologia e História, Teologia prática, Ciências sociais e religião. As três primeiras áreas eram divisões tradicionais dos currículos de teologia e a quarta área aparecia como um apêndice, para fazer jus ao nome do programa. É assim que se pôde ainda pensar, nos anos 80 do século passado, num programa de doutorado comum com a EST de São Leopoldo, cuja perspectiva é claramente teológica (Mendonça, 2008)¹¹.

Uma reforma maior aconteceu a partir do ano de 2003. Já se tentava atender pedidos formulados na ocasião das avaliações da CAPES, no sentido da adoção de um perfil mais claramente identificado com as ciências da religião. Contudo, foram mantidas as quatro áreas, com novos nomes para duas delas. A área de Bíblia tornou-se *Literatura e religião* no mundo bíblico e a área de Teologia prática adotou o nome de *Práxis religiosa e sociedade*.

No tempo da coordenação do professor Prócoro, os docentes se reuniam de vez em quando em hotéis-fazendas e casas de retiro, para planejar as atividades do programa. Participei, em Buenos Aires, de um encontro teológico de docentes, no Instituto Superior Evangélico de Estudios Teológicos (ISEDET), no qual estava presente o teólogo argentino da libertação Miguez-Bonino.

A inclusão nos programas de uma área de teologia foi finalmente aceita. Publiquei um artigo defendendo a presença da teologia em programas de pós-graduação em Ciências da religião (Cf. pergunta 3). Reproduzo um trecho a seguir:

A exclusão da Teologia do campo interdisciplinar das Ciências da Religião deriva do pressuposto implícito de que apenas as ciências empíricas e, entre elas as ciências sociais como a sociologia e a antropologia alcançariam o estatuto de ciência. Encontramos, aí subjacente, um equívoco quanto às noções de ciência e de teologia. A noção atual de ciência não pode mais se restringir às ciências dedutivas, nem às ciências empírico-formais, mas abrange também as ciências hermenêuticas, que envolvem, de modo essencial, a categoria de “sentido”. Junto com Jean Ladrière, vemos nas ciências humanas em geral e na teologia em particular ciências de tipo hermenêutico. Isto é, a chave de compreensão dos objetos com os quais elas se ocupam encontra-se num significado ou num sistema de significados. Parte-se do pressuposto que a ação humana e os objetos produzidos por ela contêm intenções significantes e que o esforço de compreensão que lhes diz respeito só pode consistir em reconstituir essas intenções.

[...] Num programa de Ciências da Religião optando conscientemente por aproximações plurais ao fenômeno religioso, a unidade não se dará por um perfil unívoco, mas pela coerência interna e pela transversalidade das diferentes estratégias de investigação: histórica, teológica, sociológica, antropológica, psicológica etc.

Para que a teologia seja assumida como um dos campos de conhecimento das ciências da religião, ela deve repensar o seu lado normativo. [...] Uma das suas tarefas é a crítica dos sistemas interpretativos da religião – os sistemas teológicos –, enquanto hermenêutica da sua dimensão radical de sentido¹².

O programa focava especialmente na América latina e na Teologia da libertação.

PN/VCS: Como você avalia a área Ciências da Religião e Teologia e sua produção hoje? Que linhas e temas de pesquisa você destacaria? Quais são as principais lacunas e desafios?

¹¹ Participei, no Instituto Metodista, de uma reunião de docentes das duas instituições, em vista de elaborar o currículo desse programa comum. Guardei o envelope de uma correspondência que me foi dirigida pelo “Instituto Ecumênico de Pós-Graduação” em Ciências da Religião, em São Bernardo do Campo. O caráter ecumênico do programa é testemunhado pela participação em CETELA (Comunidade de Educação Teológica Ecumênica Latino-Americana e Caribenha), que nunca parou até a minha saída em 2013. O programa recebia verbas de organizações ecumênicas da Europa (Holanda e Alemanha), que permitiam financiar as “cátedras”. A igreja evangélica da Holanda financiou também a vinda de um professor de Novo Testamento: Jan Van den Berg. No começo, eu era o único professor pago pela Metodista. Havia um “conselho ecumênico”, composto por representantes de igrejas protestantes, que gerava o uso das verbas recebidas do exterior. O programa participava também da Associação do Seminários Teológicos Evangélicos, cujo secretário era o professor Maraschin.

¹² Nessa perspectiva, apresentei várias vezes a disciplina *História e teologia das religiões*.

EH: Depois da minha saída da Metodista no final de 2013, me afastei dessa discussão. Tenho pouco conhecimento da evolução dos programas. Por isso, precisei de uma pequena pesquisa. Menciono em primeiro lugar um artigo publicado no v. 19 n. 2, 2019 da revista da PUC-SP REVER: *Mapeamento as temáticas dos dossiês das revistas dos programas de pós-graduação em Ciências da Religião e Teologia no Brasil*, por Alex Villas-Boas e outros.

O mapeamento abrange os números publicados entre 1969 e 2018. Os autores constatarem, ao longo dos anos, uma diversificação significativa das temáticas, uma tendência de trabalho em rede, indicativos de interdisciplinaridade, aumento da temática de gênero, a concentração dos dossiês de ciências sociais na questão da cultura, uma concentração e convergência de interesses entre os periódicos da área (o que assinala uma aproximação entre a teologia e as ciências da religião) e a atenção dada à dimensão multifatorial do fenômeno religioso. Temas novos recorrentes no período foram identificados: pentecostalismo, budismo, Paul Ricoeur, psicologia e religião. Tudo isso me parece positivo, apesar de algum risco de dispersão.

Destacando alguns temas, para mostrar a diversificação progressiva dos centros de interesse: Religiosidade popular, Falar de Deus hoje, Fazer teologia na América latina hoje, teologia da libertação, diversos temas teológicos, missão da igreja na contemporaneidade (entre 1960 e 1980); gênero, educação, religião e mídia, filosofia da religião, ensino religioso (entre 2001 e 2010); teologia e literatura, religiões asiáticas, teologia, religião e saúde, direitos humanos, espiritualidade e mística, religião e política, religiões africanas e indígenas no Brasil, ecologia, temas católicos (Papa Francisco, Medellín, Vaticano II), teologia da libertação, Hermenêutica, Islamismo, Teorias da linguagem e estudos de religião, religião e sustentabilidade, teologia pública, Corpo e teologia, pentecostalismo, pluralismo religioso, interculturalidade, Maria na religiosidade popular e na teologia, dimensão ético-social da fé cristã (entre 2011 e 2018). Ressalto os destaques para as relações entre religião e linguagem, religião e literatura, religião e cultura visual, espiritualidade e mística, pluralismo religioso e sincretismo, estudos culturais e decoloniais, pentecostalismo, fundamentalismo, outras religiões e novos movimentos religiosos, os “sem-religião”, ecologia.

Além disso, pesquisei mais particularmente algumas revistas nos últimos anos até 2024: Rever (PUCSP), Horizonte (PUCMG), Numen (UFJF) e Estudos de Religião (UMESP) (todas pertencendo a programas de Ciência(s) da religião. Destacando alguns temas, pela sua relativa originalidade, especialmente como dossiês.

Destaco na revista REVER: Dinâmicas religiosas e políticas, religião material, os “Sem-religião”, religião e humor, religião e arqueologia, espiritualidade e saúde (a pandemia!), espiritualidade do corpo.

Destaco em HORIZONTE: mística islâmica, espiritualidade e saúde, religião e cinema, fundamentalismo e democracia, teologia feminista, religião e cultura da pós-verdade, teorias da religião, judaísmo: religião, cultura, nação, teorias da linguagem e estudos de religião, santuários e turismo religioso, religiões indígenas e afro, literatura e religião. Noto que há mais estudos de casos do que estudo direto das religiões e método das ciências da religião.

Destaco em NUMEN: religião e amor, tradições religiosas da Ásia, filosofia da religião, religiões africanas, religião e música, sufismo, conceito de religião, zoroastrismo, decolonialidade, Rubem Alves, religião e psicologia, cultura visual e religião, budismo, gênero, religião e natureza, teoria do imaginário, hinduísmo, pós-colonialidade, espiritismo, psicologia e espiritualidade, arquitetura, homossexualidade.

Destaco em ESTUDOS DE RELIGIÃO¹³: arqueologia cristã, revolução cubana, gênero e religião, cultura visual, interculturalidade, sincretismo, narrativa e imaginário, catolicismo brasileiro, psicanálise, Kant e a Bíblia, ansiedade e saúde mental, cura, turismo religioso, epistemologia das ciências sociais da religião, decolonização, religião popular, epistemologia das linguagens da religião¹⁴, filosofia da religião, Santo Agostinho, Ricoeur.

PN/VCS: Há algum assunto não questionado que você gostaria de ter respondido?

EH: Quero manifestar a minha indignação face ao desmonte do Programa de pós-graduação em Ciências da Religião da UMESP, em particular em razão da perda das revistas Estudos de Religião e Correlatio. Tenho muitas publicações nas duas revistas, as quais se tornaram inacessíveis aos docentes, estudantes e pesquisadores. No caso da Correlatio, trata-se da perda da obra da minha vida, pois acompanhei a revista desde a sua fundação, sendo o editor responsável depois da aposentadoria do professor Jaci Maraschin, até o último número publicado em 2023. Ao longo dos anos, publiquei muitos artigos da minha autoria e a maior parte dos editoriais, aos quais o professor Maraschin tinha dado o nome de “Conversa com o editor”. Ainda tenho a (reduzida) esperança de que o acervo da revista possa ser recuperado e transferido para outra instituição de ensino superior, onde a revista poderia renascer. Consegui salvar, antes do naufrágio, todos os artigos da revista, que pretendo transmitir aos responsáveis atuais da Associação Paul Tillich do Brasil. Uma parte dos meus artigos está conservada no meu perfil <https://ufjf-br.academia.edu/EtienneAlfredHiguét> do site www.academia.edu. Vou tentar salvar os outros, para que o meu repertório seja completo, se Deus me der vida e saúde.

Ao longo dessa entrevista, fiz referência a vários textos sem fornecer os dados completos deles. Para quem tiver interesse, recomendo a consulta do meu currículo Lattes, no site do CNPQ. Repito o endereço: <http://lattes.cnpq.br/5600938581821983>.

Agradeço calorosamente aos professores Paulo Augusto de Souza Nogueira e Vitor de Souza Chaves, com os quais convivi durante muitos anos na Universidade Metodista de São Paulo, e que organizaram a presente entrevista. Tive assim a oportunidade de rever o meu itinerário de estudos, ensino e pesquisa.

¹³ A revista Estudos de Religião ficou parada e sem acesso por um bom tempo e, recentemente, recuperou os números entre 2021 e 2023. Houve poucos dossiês no período, por isso, menciono alguns temas avulsos.

¹⁴ Fiquei feliz em ver o resgate de um artigo meu sobre semiótica visual.